

Sri Lanka: uma história de uma luta derrotada

Em janeiro de 2020, o presidente do Sri Lanka confirmou o que muitos já temiam: que mais de 20.000 pessoas que desapareceram durante a guerra civil do país estivessem mortas. Elas estavam entre as vítimas da repressão aos Tigres Tâmeis em maio de 2009. A derrota dos Tigres terminou, por enquanto, 26 anos de luta militar pela autodeterminação da minoria tâmil no Sri Lanka.

Em “Losing Santhia: Life and Loss in the Struggle for Tamil Eelam”, o socialista australiano Ben Hillier conta a história de um participante nesta luta. Santhia foi um dos principais membros dos Tigres Tâmeis que aderiram ao movimento quando adolescente e morreu como refugiado na Indonésia, em 2017. Ela tinha 42 anos de idade.

Falando com ativistas e refugiados sobreviventes, Hillier combina suas memórias de Santhia com a história do conflito. O ensaio ilustrado de Hillier contém trechos de poesia escritos por mulheres integrantes dos Tigres Tâmeis. O texto é em parte um comentário político e em parte um relato das consequências da derrota dos Tigres.

Opressão e Resistência

Em seu auge, o Tigres de Libertação do Elam Tamil (LTTE) foi um movimento formidável, capaz de resistir às forças estatais e estabelecer seu próprio estado de fato no norte do Sri Lanka. Hillier relata como as pessoas que entrevistou expressaram seu orgulho como membros de uma minoria oprimida que finalmente conquistaram um estado que sentiam ser o seu próprio.

Hillier traça as raízes do conflito para a história do Sri Lanka como uma colônia britânica. Como outras potências

coloniais, os britânicos aplicaram uma estratégia de divisão e governo na ilha, colocando a minoria tâmil contra a maioria cingalesa budista. O fim do colonialismo britânico veio como resultado de um acordo negociado que deixou uma elite cingalesa budista no poder político. Ao contrário de outras antigas colônias, onde uma luta comum contra o poder colonial trouxe uma nova identidade nacional, as linhas divisórias traçadas pelos britânicos persistiram.

Após a independência, a religião, a etnia e o poder estatal se combinaram cada vez mais em uma forma reacionária de nacionalismo, e “a partir dos anos 60, ‘cingaleses’ e ‘budistas’ se tornaram sinônimos”. Esta combinação foi simbolizada pelo crescente ativismo político e poder dos monges budistas que consideravam a minoria tâmil como uma ameaça existencial para os cingaleses budistas. A constituição de 1972 definiu o país como um “estado unitário”, negando aos tâmeis o direito à autodeterminação.

Durante esses anos, o Sri Lanka tinha uma grande esquerda marxista auto-declarada. Um partido nominalmente trotskista, o LSSP (Partido Sama Samaja Lanka, literalmente: Partido Sociedade Igualitária Lanka), ganhou apoio em massa no final dos anos quarenta e aderiu à Quarta Internacional. Em suas memórias, Livio Maitan, um líder da Quarta Internacional na época, discutiu a evolução do partido.* Já em 1960 ele descreveu a situação em que o LSSP se encontrava: “Dada sua composição em grande parte cingalesa, ela sempre apareceu como um partido da ‘outra’ nacionalidade para os trabalhadores indianos [tâmeis]”, enquanto seu apoio aos direitos das minorias “não era visto como verdadeiramente ‘nacional’ do ponto de vista de amplas camadas de trabalhadores atrasados e outros cingaleses”.

Para superar esta fraqueza, o partido precisava criar laços orgânicos entre os movimentos dos trabalhadores tâmiles e cingaleses, “uma condição absoluta para a qual”, escreveu Maitan, era “a defesa intransigente, sem qualquer hesitação ou

impedimento, dos direitos nacionais da minoria". Infelizmente, o LSSP escolheu o caminho oposto e apoiou as forças políticas burguesas cingalesas. Alguns anos depois de Maitan ter instado a apoiar os direitos da minoria tâmil, a LSSP foi expulsa da Quarta Internacional.

Os chauvinistas cingaleses cada vez mais provocaram violência contra a minoria tâmil, levando a pogroms sangrentos. Durante os anos setenta, os radicais tâmeis começaram a formar grupos revolucionários armados. Alguns deles viam sua luta como parte de uma revolução que precisava ser em todo o Sri Lanka e consideravam a classe trabalhadora cingalesa como um aliado em potencial. Mas na ausência de aliados fortes e confiáveis entre os cingaleses e enfrentando a crescente violência racista, os movimentos tâmeis se concentraram cada vez mais em sua luta nacional.

Um ponto de viragem seria um pogrom de 1983 conhecido como "Julho Negro". Hillier escreve: "A violência se espalhou com os monges, apoiada pela polícia e militares, mobilizou multidões cingaleses em mais orgias de violência". A violência deixou cerca de três mil mortos e mais de cem mil desabrigados. A juventude tâmil se juntou aos movimentos armados, entre eles o LTTE. Alguns anos depois, Santhia, ainda no ensino médio, juntou-se aos Tigres Tâmeis.

0 Estado Tigre

Durante anos de guerra, os Tigres Tâmeis construíram força e apoio. Finalmente, no início de 2002, eles assinaram um cessar-fogo com o governo do Sri Lanka, permitindo que os Tigres consolidassem sua posição. Os Tigres construíram uma administração paralela, com seu próprio sistema policial e judicial, instituições de educação e saúde, entre outras entidades. Nessa época, o LTTE havia abandonado a exigência de secessão, exigindo, ao invés disso, uma forma de autonomia.

Mas esta situação era temporária, pois diferentes forças

cingalesas se opunham ao tipo de mudanças estruturais que teriam sido necessárias para atender às exigências tãmeis de autodeterminação. Monges budistas organizaram mobilizações chauvinistas cingaleses contra qualquer tipo de sistema federal ou compartilhamento de poder. Hillier cita um general do exército que se queixava amargamente de ser vitimizado pelo desprezo expresso pela juventude tâmil. Todos os movimentos de libertação, escreve Hiller, compartilham algo: “alguma autoridade orgulhosa incapaz de compreender o ódio do povo cuja deferência cotidiana é interpretada como uma exibição sincera, em vez de uma performance mais tarde amaldiçoada em particular”.

Internacionalmente, o movimento ficou conhecido pelos assassinatos, pois foi pioneiro dos atentados suicidas como método de ataque. Mas o movimento não pode ser reduzido a esta violência, e Hillier mostra como foi uma combinação contraditória de libertação e autoritarismo. A necessidade de mobilização do movimento foi contra as normas conservadoras e desafiou as ideias de hierarquias baseadas em casta, gênero e clã. O envolvimento das mulheres na luta, inclusive em operações armadas, foi contra as normas sexistas, pois a necessidade de mobilização quebrou velhos tabus. As mulheres ganharam novos cargos de autoridade e confiança. Seus ganhos foram reais, mas sua posição permaneceu contraditória, pois os Tigres também impuseram normas sexistas. Por exemplo, as mulheres que trabalhavam em instituições civis dos Tigres eram obrigadas a usar vestidos tradicionais e restritivos. Em outros momentos, as práticas de casta eram toleradas por motivos pragmáticos.

Como muitos outros movimentos armados, os Tigres estenderam a lógica da guerra para além da luta contra o exército do governo. Para afirmar seu domínio sobre o movimento tâmil, o LTTE organizou o assassinato de líderes de movimentos tâmil rivais e de socialistas que se opunham a sua orientação para a luta de guerrilha. Dentro do movimento, o poder acabou

permanecendo nas mãos de uma figura patriarcal; a autoridade do fundador e líder Velupillai Prabhakaran foi incontestada. Este era um movimento de libertação sem democracia.

Derrota

Em 2005, Mahinda Rajapaksa, um chauvinista cingalês de linha dura (e irmão mais velho do atual presidente) ganhou as eleições presidenciais no Sri Lanka. As forças cingalesas chauvinistas continuaram a se mobilizar para esmagar o movimento tâmil. Os Tigres tinham se desenvolvido cada vez mais em um exército convencional, mas em termos puramente militares, eles não eram páreo para o exército governamental. Na estimativa de Hillier, a causa final para a derrota dos Tigres Tâmeis reside em uma situação internacional em mudança. Hillier descreve o papel da Índia, dos Estados Unidos, do Canadá e das potências europeias no enfrentamento internacional contra os Tigres na diáspora tâmil e no bloqueio de remessas de armas.

Com a ajuda de uma facção de traidores ex-Tigres, o estado do Sri Lanka entrou na ofensiva. À medida que os governos estaduais avançavam contra as defesas dos Tigres, mais e mais pessoas fugiam. No início de 2009, o governo do Sri Lanka declarou uma “Zona Sem Fogo” dentro do território dos Tigres, supostamente para proporcionar segurança aos refugiados civis. O exército submeteu a “Zona Sem Fogo” a bombardeios constantes. O governo recusou todas as tentativas de intermediação de um cessar-fogo e continuou a ofensiva. Em maio de 2009, o próprio Prabhakaran foi morto.

A vitória do estado do Sri Lanka foi possível, em parte, pelo apoio ocidental, mas como Hillier escreve, a ajuda para isso “também veio de estados em desacordo com o Ocidente”. Ajuda no valor de bilhões de dólares foi oferecida pela China, Rússia, Irã, Líbia e Paquistão”. O isolamento internacional dos tâmeis foi completo. Em 27 de maio de 2009, uma resolução “orwelliana” do Conselho de Direitos Humanos da ONU elogiou o

governo do Sri Lanka por “proteger os direitos humanos”, enquanto condenava os atos de terrorismo dos Tigres.

Não se sabe quantos foram mortos durante a guerra. Além de milhares de combatentes, dezenas de milhares de civis foram mortos – a maioria foi morta por forças governamentais. Tentativas de investigar a escala das mortes e violações dos direitos humanos foram obstruídas pelo governo do Sri Lanka e seus aliados internacionais. Em fevereiro de 2020, Mahinda Rajapaksa, nomeado primeiro-ministro por seu irmão alguns meses antes, declarou que o Sri Lanka estava se afastando de uma resolução das Nações Unidas que investigava supostos crimes de guerra.

A guerra estava perdida, e o que resta do movimento tâmil agora luta desesperadamente para defender os direitos democráticos mínimos.

Perguntas para o futuro

Hillier termina seu ensaio perguntando, “o que segue”? As áreas do antigo estado do Tigre Tâmil se tornaram território ocupado. Após a derrota eleitoral de 2015 de Mahinda Rajapaksa por seu antigo aliado Maithripala Sirisena, a repressão diminuiu um pouco, mas a política de Cingalização do governo continua. Fazendo uma comparação com as políticas do Estado israelense, Hillier descreve-a como uma estratégia de criar “fatos no terreno”. A linguagem tâmil é apagada da esfera pública à medida que ruas e outros nomes de lugares são mudados, o capital cingalês e os projetos econômicos do exército empurram as empresas tâmil, e o governo tenta mudar a composição demográfica da área trazendo grandes números de cingaleses.

A última seção do livro é composta do texto “Liberation Tigers and Tamil Eelam Freedom Struggle”, escrito pelo negociador chefe dos Tigres, Anton Balasingham, em nome do comitê político dos Tigres, em 1983. Ele descreve a visão dos

primeiros Tigres Tâmeis da história da ilha, da questão nacional e de suas razões para o lançamento de uma luta militar. O texto é um documento histórico mostrando, como muitos outros movimentos nacionais da época, os Tigres Tâmeis expressaram sua luta em termos “marxistas-leninistas”, mesmo que o movimento nunca tenha afirmado ser comunista.

Ao invés de um artigo acadêmico ou uma visão abrangente da complicada história da luta, Losing Santhia é um texto que ajuda o leitor a compreender as motivações e pontos de vista dos participantes em uma luta muitas vezes ignorada ou descaracterizada. Os aliados lógicos dos tâmeis escreve Hillier, “continuam sendo os empobrecidos trabalhadores e camponeses cingaleses”. ... Continua a ser a maior catástrofe política da ilha que a outrora poderosa esquerda cingalesa falhou em estar com os tâmeis e lançar uma luta unida pela libertação de todo o povo explorado e oprimido”.

Ao deixar os Tigres falarem por si mesmos, Hillier permite que os leitores ouçam os sobreviventes desta tragédia.